

Liberdade

De estrada de gado a maior bairro de Salvador, a Liberdade é antes de tudo ilê aiê, que significa *casa dos negros*. Mas é também um imenso aglomerado urbano tipicamente residencial e comercial atropelado pela falta de infra-estrutura social, serviços essenciais e opções de lazer.

Gabriela Rossi Maia

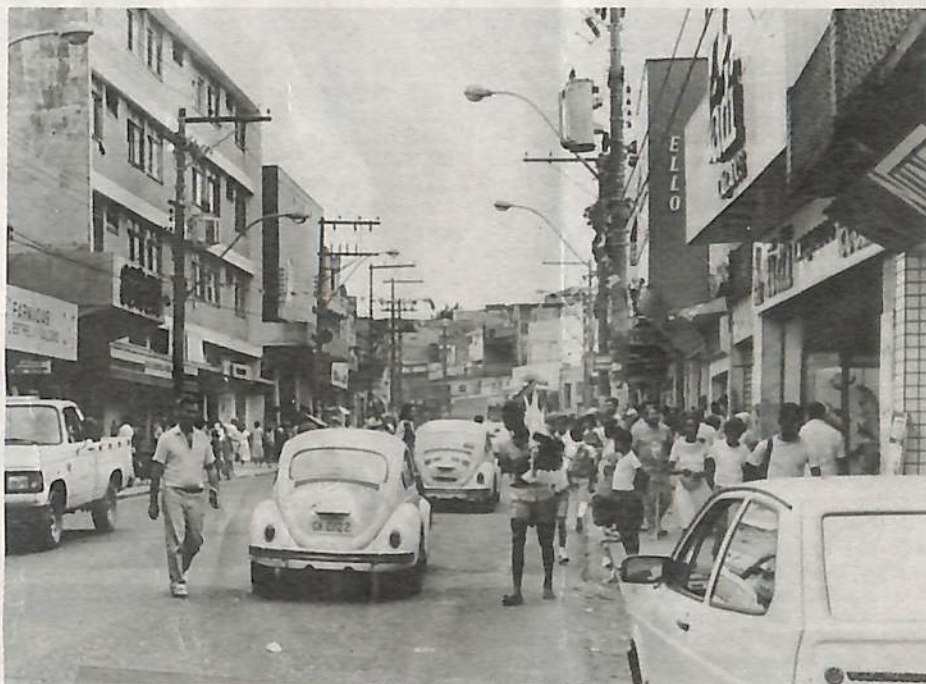
Habitado por uma população estimada em 400 mil pessoas, o bairro da Liberdade é hoje um dos maiores do Brasil. Liderando os redutos negros da América Latina (ostenta um contingente de predomínio da raça em torno de 90%), a Liberdade é considerada por muitas pessoas uma cidade dentro de Salvador, na qual a negritude vai além do caráter dissociativo racial, que traz para si algumas peculiaridades, exprimindo valores culturais e manifestações sociais. O resgate da influência africana, se não na sua forma mais autêntica, já que é produto de um processo de aculturação, é extremamente forte e representativo. Acompanhando o crescimento de Salvador, o coração negro restrito à Rua Lima e Silva, antiga estrada de passagem de bois, estendeu suas artérias, constituindo concentrações adjacentes, hoje consideradas como bairros dentro da Liberdade: Pero Vaz, Largo do Tanque, Sieiro, Guarani, Queimadinho e Curuzu.

O bairro se estende da Ladeira da Soledade ao Largo do Tanque, cortado pela Lima e Silva, principal via de acesso, com suas inúmeras transversais. Frequentada pelos moradores da área, a principal rua da Liberdade se transformou num grande centro comercial, superando a arrecadação de ICM do tradicional comércio da Baixa dos Sapateiros. Mediante um convênio firmado com o Cedec, órgão da Secretaria de Indústria e Comércio, a Associação dos Comerciantes da Liberdade, a mais antiga do ramo a nível de bairro em Salvador, iniciou esse ano um censo para determinar o número de casas comerciais. A Ascobal fez o primeiro levantamento em 85, registrando mais de 800 estabelecimentos comerciais nos arredores da Lima e Silva. Certamente, o número é bem maior, pois em todos os becos e ruas existem botecos e quitandas de verduras.

Nos últimos dez anos, a população do bairro triplicou, amparada pelo boom comercial que ampliou significativamente o número de lojas em toda a extensão da Lima e Silva, antes concentradas entre o Cine Brasil e o Paes Mendonça. O comércio é o aspecto mais positivo na opinião dos moradores, reforçando a característica de cidade atribuída à Liberdade, pois as pessoas não precisam ir ao Centro para fazer compras. Além disso, o comércio é diversificado: tem 15 farmácias, 30 casas de jogo do bicho, duas feiras livres, armazéns, livrarias, bares e restaurantes. Tem ainda vários consultórios médico-odontológicos, sete filiais das principais empresas bancárias da cidade, cartórios, correios, agências da Embasa e Coelba. Atendendo a uma grande demanda e à especulação comercial, nesses dez anos se instalaram filiais das lojas da Baixa dos Sapateiros e da Avenida Sete, que hoje lideram o comércio local.

PERFIL

A Liberdade é habitada por uma população dividida entre pessoas pobres, em sua maioria, e da classe média baixa. Nas ruas que cortam a Li-



Com cerca de 400 mil habitantes, a Liberdade pode ser considerada uma cidade dentro de Salvador.

ma e Silva, se concentra a população mais pobre, residindo em barracos improvisados, carentes de saneamento, segurança e área de lazer. Nesse contexto, o comércio é bem peculiar, criando diversos atrativos para garantir a clientela: possui sistema de alto-falante ao ar livre, na via principal, o tradicional caruru de preceito de lãnsã, feito com dois mil quiabos.

A filosofia de vida dos comerciantes e moradores da Liberdade é "aqui tem espaço para tudo e para todos", conta Reginaldo Souza, dono e locutor do serviço de Som da Liberdade, que faz propaganda de lojas, dos jingles das campanhas do governo ou de qualquer político que solicite seus serviços, independente de partido. Numa pequena saleta pintada de verde-bandeira e cheia de posters de cantores bregas e chiques, ele fica sentado por trás de uma mesinha, colocando os discos na sua antiga radiola Garrar, que não troca por modelo novo, entre o intervalo de uma propaganda e outro. Do governo, nada recebe, mas acha que a comunidade tem que ser informada. Explica que ganha pouco, pois "os comerciantes do bairro só pensam em si", mas não esconde a alegria com o trabalho, que faz há mais de 13 anos, mantendo um sistema de alto-falante fixo nos postes, prática que está se extinguindo nas capitais.

Decerto que a Liberdade possui entidades de comércio relativamente autônomas, firmadas na

especulação financeira, inexistindo empreendimentos associados ou de grupos de empresas. A tentativa de firmar esse tipo de estabelecimento deu-se em 1968, com a criação do Shopping do Largo do Tanque, o primeiro da cidade, que hoje se encontra em visível estado de decadência e abandono. Apesar de estar numa posição privilegiada, próximo a vários bairros, entre as avenidas San Martin e São Cristóvão, a construção, fundada com a denominação pouco conhecida de Shopping Center da Cidade de Salvador (numa área de quatro mil metros quadrados), não vingou. Os poucos lojistas que permanecem no local para anunciar os estabelecimentos, investe nas promoções e coloca à venda produtos mais acessíveis ao poder aquisitivo da população. Nas livrarias, por exemplo, o consumidor geralmente não encontra fitas para máquina de escrever e envelopes grandes, utilizados em firmas, mas todos os estabelecimentos vendem bugigangas domésticas e brinquedos: bonecas de plásticos, canecos, pratos de louça e outros.

O morador típico reflete a miséria em que vive e, a despeito da estrutura de bairro caracterizado como uma cidade que se auto-sustenta, é atropelado pelo abandono das autoridades públicas, diante do local, principalmente quanto à segurança e lazer, queixas de todos os moradores. O negro da Liberdade não frequenta os shoppings centers do outro lado da cidade, nem possuem fre-

quência regular nos bares e restaurantes da área, já que não tem condições financeiras. Gosta do bairro e compra ali mesmo basicamente comida e produtos para sua própria subsistência, seja através de crediários, promoções ou ainda a conta que fica pendurada até o final do mês. Seus filhos estudam nos colégios públicos da área e não dispõem de área para lazer. Daí a grande força dos blocos afros e entidades culturais, mecanismos da expressividade e coesão dos negros, vestidos sob as roupas e músicas que lembram a África.

O restaurante Iansã, um dos mais antigos do bairro, foi criado há 17 anos, num estilo refinado, mantendo o lado brega e popular. O proprietário, Wilson Passos, 55 anos, conta que muitos artistas famosos já passaram por lá, apreciando o cardápio internacional do maître, embora os moradores não percam a tradicional feijoada das sextas-feiras e façam fila no dia 4 de novembro, quando o restaurante abre suas portas para servir a todos queixam-se de que o prédio tem rachaduras e infiltrações e está completamente abandonado, servindo à noite de esconderijo de ladrões.

INFRA-ESTRUTURA

O crescimento de Salvador, engolindo concentrações urbanas que se tornaram bairros sem qualquer infra-estrutura básica ou planejamento, terminou fazendo com que o local acumulasse sérios problemas nas áreas de saúde, educação, transporte, lazer, segurança e sobretudo saneamento. A maioria dos bairros da Liberdade possui esgotos correndo a céu aberto, com exceção do Sieiro e Guarani. A Rua Lima e Silva tem um asfalto muito irregular, é esburacada em vários pontos e com bocas-de-lobo entupidas. Nas transversais, a situação é bem pior, muitas delas sem asfalto, prejudicando o acesso de veículos, além de condições de saneamento muito precárias. Na Avenida Peixe, onde está comportado todo o escoamento de esgotos dos locais mais altos, é co-

mum que em dias de chuva se formem enormes poças de água. As placas de cimento colocadas para cobrir as valas têm aberturas que permitem transbordar o excesso de água, além de representar um perigo ao trânsito de pedestres.

Não existe uma regularidade na coleta de lixo nessas ruas, ocasionando a formação de montanhas de entulhos nos cantos dessas passagens. A Limpurb só faz a coleta diária nas ruas principais de acesso e ainda assim nos sábados e domingos, dias de grande movimento da Feira do Japão, situada na Lima e Silva. De modo geral, os moradores concordam que os serviços de água, luz e entrega de gás são satisfatórios. O mesmo não acontece com relação à segurança, que praticamente inexistente. O setor de segurança e saúde acusam a falta de ação de entidades governamentais, no sentido de melhorar as condições de

vida da área. No bairro está a 2ª Delegacia de Polícia e apenas dois módulos policiais, mas os comerciantes e moradores vivem sobressaltados com os constantes assaltos, que visam principalmente as lojas. Segundo afirmou Agostinho Carrera Filho, proprietário da Casa Brasileira, a mais antiga loja do bairro.

AMEAÇAS

O policiamento ostensivo mantém-se restrito à frente as agências bancárias, enquanto os demais estabelecimentos comerciais ficam à mercê do vandalismo e da violência, que já causou algumas mortes, refletindo um índice de ocorrências bastante alto: um assalto a cada dois dias. O soldado Purificação, do 7º Batalhão da PM, que faz ronda no local, explica que existem 12 policiais distribuídos no trajeto que vai da Lapinha ao Largo do Tanque. "O trabalho de vigilância é feito an-



Um plano inclinado liga a Liberdade à Cidade Baixa.

A presença da cultura negra



Presença negra. Traço forte da cultura do bairro.



Antigo Cine Brasil. Espaço de lazer perdido.

A negritude é vivenciada pelo povo da Liberdade nas suas manifestações culturais não apenas pelo aspecto da cor, mas essencialmente como uma força expressiva da identidade com outras nações negras, especialmente a África. As vozes que cantam o Senegal ou a Jamaica no ritmo cadenciado do reggae e da dança afro, falam de um povo sofrido, ainda vivendo as agruras de um sistema desigual, mesmo libertados do escravagismo. A efervescência de "um caldeirão tão complexo" como já falou Wally Salomão, seria simplesmente a explosão de uma cultura que se enraizou na Bahia, antes caracterizada como expressão afro-baiana.

Ile Aiyê, em iorubá, significa casa dos negros. Para seus componentes, é "o maior quilombo dos negros livres do Brasil". A beleza mais bonita de se ver, dita por Caetano Veloso, é vivenciada pelos negros do Ile que dançam o Ijexá, trançam os cabelos e usam roupas

e adereços inspirados nos africanos. Os 2.500 componentes do bloco afro saem no carnaval, todo ano, abençoados pelos preceitos do candomblé, dirigidos pela ialorixá mãe Hilda e por Vovô, sempre impressionando pela sua majestosa beleza. O Ile foi o bloco afro que lançou o movimento da negritude, em 1974, promovendo uma reavaliação dos valores étnicos, sociais e culturais da comunidade negra, inferiorizados pelos brancos. Na linha do reggae jamaicano, sempre reverenciando Bob Marley, surgiu o Muzenza, a partir de uma dissidência do Olodum. Os componentes do bloco, ao todo 2.500, saem no carnaval no estilo dos guerrilheiros rastas jamaicanos.

A Liberdade também possui outros blocos afros de destaque, como o Afrekete e o afoké Olorum Baba-Mi. As primeiras manifestações carnavalescas tomaram vulto há mais de 15 anos, com a fundação dos blocos de percussão-Os

Estudantes e Barrabas, cujos temas não estão essencialmente ligados à cultura africana, mas na luta pela voz do povo negro da Liberdade no universo baiano. Desde que o bairro começou a se estruturar, há cerca de 50 anos, as manifestações culturais sempre tiveram papel relevante na tradição da comunidade.

Na verdade, o carnaval já passeava pelas ruas do local a partir dessa época, através dos blocos Filhos da Resistência, Deixa Disso e Boneca da Liberdade. Também as festas religiosas e tradicionais da Bahia continuam mantidas pela população, mesmo com a extinção de algumas características, a exemplo da festa da Lapinha, que quase não conta mais com os ranchos pastores. As festas mais importantes, todavia, continuam sendo o Dois de Julho, quando o caboclo sai da Lapinha em direção ao Campo Grande, e o São João, uma das mais antigas do local. Os cor-

tejos continuam marcando as procissões de São Lourenço e São Roque, seguidos por grande número de fiéis.

Os negros expressam suas tradições e valores nas suas festividades em concentrações populares ao ar livre, nos redutos da Liberdade. Para estruturar e organizar essas atividades, contam com as sedes mantidas pelas próprias entidades, sem qualquer subvenção governamental, apesar da grande importância desses grupos no turismo baiano. A principal queixa dos moradores é justamente a falta de espaço e alternativas culturais. O cine São Jorge está em ruínas, assim como a Praça Maria Quitéria. A união das entidades pela luta de seus direitos resultou, no início desse ano, na formação da Associação das Entidades Carnavalescas da Liberdade, que está empenhada na luta pela recuperação do Cine Brasil e reaproveitamento do espaço para benefício da comunidade do bairro.

FOTO: JUCIARA NOGUEIRA

tes e depois do expediente bancário, quando os policiais saem da frente das agências e circulam pelo bairro, de segunda a sexta-feira" confirma o soldado. O fato explicaria o aumento nas incidências de assaltos no final de semana, atingindo principalmente as lojas.

A rede de escolas públicas possui apenas sete unidades e enfrenta uma grande sobrecarga de alunos, além, de condições muito precárias de funcionamento. Um bom exemplo é o tradicional Colégio Duque de Caxias, situado na Lima e Silva. Ao completar 50 anos de fundação, ele é ainda o maior colégio do bairro e único a oferecer o curso de 2º grau, mas por não ter uma manutenção regular por parte da Secretaria da Educação está hoje com quase todos os vidros das janelas quebrados e praticamente sem carteiras escolares. Há também algumas escolas particulares, mas todas com número reduzido de salas, com relação à demanda.

A área de saúde também é deficitária, compreendendo apenas dois postos que possuem instalações muito precárias: o 3º Centro de Saúde e a unidade do Curuzu, para prestar atendimento a toda população carente. A comunidade é, no entanto, bem servida de transportes, dispondo de 20 linhas de ônibus que passam pela área, em virtude da proliferação dos bairros adjacentes. Os moradores queixam-se, entretanto, da atuação da Empresa Liberdade, com relação ao atraso no horário de saída dos coletivos, que trafegam em condições precárias, sempre quebrando no caminho. Os ônibus também não chegaram ao interior dos bairros do Japão, Estica, São Lourenço e Favela. O famoso engarrafamento da Lima e Silva, por sua vez, congestiona o tráfego local principalmente no horário do rush. Somente os conhecedores das ruelas do bairro, conseguem desviar do engarrafamento, entrando por passagens estreitas que dão acesso à Lapinha, Calçada e Largo do Tanque. Caso o bonde fosse implantado novamente na Liberdade, na linha de projetos que a prefeitura está executando, o bairro seria duplamente beneficiado, tanto no desfogamento do trânsito, quanto dos ônibus que circulam sempre lotados.

ESTRADA DE BOIS:
O historiador Cid Teixeira explica que a estrada da Liberdade, que hoje designa um dos bairros mais populosos da cidade, na verdade superando vários municípios do interior do estado, foi antigamente o nome de uma rua, ou melhor, de uma estrada. No entanto, tudo começou muito antes, quando a cidade aumentou sua densidade demográfica e decorreram os primeiros problemas de abastecimento de carne. Durante muitos anos, a Feira do Capuame foi a mais importante da Bahia, abastecendo de carne a capital, através da



Apesar do trânsito confuso e quase sempre engarrafado, ainda se pode encontrar as prosaicas carroças de burros nas ruas da Liberdade. FOTO: JUCIARA NOGUEIRA

Estrada das Boiadas, hoje a Rua Lima e Silva. A história é conhecida por quase todos os moradores antigos do bairro.

A estrada saía da feira velha e ia até a área hoje identificada como o Barbalho, onde havia um matadouro. A passagem, depois de alguns anos, ficou restrita ao trecho que vai do Largo do Tanque à Lapinha. Permaneceu como caminho das boiadas até que por ela entraram as tropas do exército libertador, que venceu a guerra da Independência da Bahia, em direção ao acesso norte da cidade. Nasceu, a partir daí, a denominação de Liberdade ao local, cedendo lugar ao apelo cívico e político do evento de 1823. A via de cumie-da foi sendo povoada pela gente mais humilde, que não tinha condições de comprar imóveis nas zonas mais valorizadas da cidade. As terras, de propriedade municipal, facilitaram a ocupação das famílias pobres, fazendo surgir a primeira invasão de Salvador, Corta-Braços, hoje conhecida como Pero Vaz.

No início dos anos 20, uma iniciativa particular do líder Raimundo Freixeiras, desenvolveu um importante trabalho na área de educação, através do Abrigo dos Filhos do Povo, mas foi só a partir da década de 40 que chegou ao bairro uma das mais modernas escolas da cidade, tanto no plano pedagógico quanto na concepção arquitetônica: a Escola Duque de Caxias, mais tarde transformada em ginásio e colégio. Nessa época, haviam povoações escassas na Lima e Silva, rodeadas de mato, lembra Agostinho Carrera Filho, proprietário da Casa Brasileira, inaugurada em 1938. "O bonde que vinha da Barroquinha era o principal veículo de acesso até o local" lembra.

A intensificação do povoamento e da urbani-

zação do local se deu principalmente com o advento das casas comerciais. Para acompanhar o crescimento, a Casa Brasileira incrementou a venda dos artigos de variedades, concorrendo com a chegada do supermercado. A loja passou de pai para filho e hoje Agostinho lembra com saudades daquela época. "Quando o bonde passava pela rua e os poucos moradores levavam uma vida tranquila". Ele afirma que sente muito carinho pelo local onde passou sua infância, mas resente a intensa especulação comercial que a cada dia descaracteriza a antiga área residencial da Lima e Silva. Apesar da barulheira causada pelo trânsito e das constantes ameaças de assaltos, ele conclui: "Não Pretendo sair nunca daqui. As pessoas se apegam ao bairro".

CETICISMO

A população numerosa e pobre tornou-se alvo de campanhas de muitos políticos, assim como provocou o aparecimento de vários templos religiosos. O jornalista e médico Lindomar Aranha, Fundador da Gazeta da Liberdade, criada em dezembro do ano passado, explica que existiram 20 jornais, todos com efêmera duração, já que atendiam a um e outro interessados em fazer campanhas para obter votos, sem se preocupar realmente em denunciar a miséria em que vive a comunidade. Esse ano, a Liberdade tem 15 candidatos a vereador, pelas diversas siglas. As únicas zonais instaladas são as do PT e PCB. O colorido da Lima e Silva no ano eleitoral é marcado por faixas,



Em proporção direta ao crescimento da miséria, proliferam as seitas religiosas

cartazes e pichações nos muros. O apelo vai mais além, seja nos discursos de palanque ou nas promessas nos alto-falantes. Vale de tudo: desde propinas e pequenos favores em troca de votos nas comunidades ou ainda financiar blocos e agremiações culturais.

A Liberdade não possui uma entidade representativa de todo o bairro, mas está subdividida em várias associações de moradores, que lutam isoladamente pela melhoria das condições de vida. Muitas estão ligadas ou possuem setores especialmente encarregados das atividades culturais e de lazer, já que não existem praças conservadas, cinemas em funcionamento ou outras alternativas disponíveis para a população. A Associação dos Moradores do Curuzu, por exemplo, surgiu ano passado, inicialmente como uma agremiação cultural, encarregada de promover festas e gincanas, ao som do reggae e das músicas afros. Mas para responder às solicitações dos moradores junto a prefeitura, ela foi ampliada, ainda que mantendo a agremiação.

O ceticismo e a fé das camadas mais pobres certamente atraíram o grande número de seitas religiosas, algumas possuindo mais de uma unidade no bairro. A Igreja Universal do Reino de Deus possui quatro templos, todos registrando grande número de fiéis. O catolicismo é representado pelas arquidioceses abençoadas pelo Papa: Lapinha, Cosme e Damião, Nossa Senhora da Soledade e Menino Jesus de Praga; ou ainda pela Igreja Brasileira: São Roque, Santa Bárbara, São Lázaro e São Cristóvão. A religião adventista possui apenas uma paróquia. Convivendo pacificamente com as demais, as religiões formadas nas influências africanas são as mais numerosas, especialmente os terreiros de camdonblé e as casas de umbanda. Além dos jogos de búzios, também as mesas brancas das casas espíritas são bem frequentadas.



Feira do Japão. Um pouco de tudo, num comércio diversificado e independente.